

**Estética da Ambiguidade:
Fronteiras entre o Jornalismo Literário e o Documentário *Elena* (2012)¹**

Emanuelle de Oliveira Barioni²
Alberto Carlos Augusto Klein³
Universidade Estadual de Londrina - UEL

RESUMO

A fim de compreender as possibilidades dos recursos narrativos do documentário cinematográfico, esta pesquisa teve como objetivo analisar como as características do Jornalismo Literário podem ser identificadas no documentário *Elena* (2012), de Petra Costa. A análise se concentrou em três sequências: os processos de busca da própria protagonista; a reencenação de memórias como processo de cura; e o reencontro de Petra consigo mesma. Utilizou-se o método de Revisão de Literatura e Análise Fílmica. Assim, esta pesquisa buscou contribuir para o entendimento das relações e intersecções entre o cinema documental e o Jornalismo Literário.

PALAVRAS-CHAVE: elena; documentário performático; jornalismo literário; cinema; ficção.

INTRODUÇÃO

Documentários representam uma determinada visão de mundo, já que se não se configuram como uma reprodução da realidade. Nesse sentido, Nichols (2005) propõe uma classificação de documentários em seis modos distintos. Um desses modos é o performático, no qual o documentarista se torna parte central da narrativa, trazendo à tona modos de subjetivação, narrações em primeira pessoa além e despertar emoções ao público.

Neste contexto, o documentário *Elena* (2012), dirigido por Petra Costa, exemplifica o modo performático ao narrar a história de Elena Andrade, a irmã mais velha da cineasta. Em uma espécie de tributo à sua imagem, o filme explora o sonho de Elena

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Graduada do Curso de Jornalismo do CECA-UEL, email: emanuellebarioni@gmail.com.

³ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Professor do Curso de Jornalismo do CECA-UEL, email: klein@uel.br.

em se tornar uma atriz em Nova York. Esse sonho, aos poucos, se entrelaça com a própria trajetória de Petra, que percorre seus passos e se torna uma atriz na mesma cidade. O documentário, que funciona como uma carta à sua memória, incorpora diversos filmes caseiros, recortes de jornal, diários e escritos de Elena, mesclando essas memórias às imagens de Petra, criando uma jornada intimista que abrange ela mesma, sua irmã e sua mãe.

Segundo Pena (2006), o Jornalismo Literário se destaca por transformar a linguagem, misturando gêneros e superando a dicotomia entre ficção e verdade. Em *Elena* (2012), Petra adota uma abordagem similar, unindo elementos documentais e poéticos para construir uma narrativa subjetiva, onde suas memórias se fundem à identidade da irmã.

Diante desses tópicos, surgem questionamentos acerca das relações entre o real e do ficcional na construção narrativa criada por Petra. Assim, essa pesquisa procurou analisar como os recursos cinematográficos utilizados *Elena* (2012) estabelecem pontos de encontro entre o Jornalismo Literário e um documentário cinematográfico.

METODOLOGIA

A partir de Revisão de Literatura e a Análise Fílmica (Penafria, 2009), a pesquisa compreendeu como o filme trabalhou seus elementos cinematográficos na perspectiva do Jornalismo Literário. Nichols (2005), Da-Rin (2004), Pena (2006), Martinez (2012, 2014) e Lima (2004) ofereceram as bases teóricas da relação entre as técnicas do cinema documental e o Jornalismo Literário.

Assim, a análise fílmica do documentário foi fundamentada em características do Jornalismo Literário, identificadas a partir das cenas, diálogos e montagem do filme. Entre os elementos empregados, destacam-se oito características, conforme os conceitos apresentados por Wolfe (2005), Lima (2004) e Pena (2006): Construção cena a cena da história; Registro dos diálogos selecionados; Cena presentificada da ação; Apresentação da cena por ponto de vista distintos e utilização de fluxo de consciência; Registro de hábitos e maneirismos; Metáforas, Símbolos e figuras da retórica; Perenidade; Humanização.

A partir desses critérios, foram analisadas três sequências importantes para o desenvolvimento do documentário *Elena* (2012). A primeira parte revela como Elena era

vista por Petra e pelos colegas de teatro, assim como a maneira em que a arte era seu refúgio e maior obsessão. A segunda sequência contempla a forma como Petra desenvolveu a cena de narração da morte de Elena, mostrada principalmente a partir de relatos de Li An. Por fim, a última parte analisou como Petra teve que se encontrar para que Elena, que até então era uma extensão sua, pudesse enfim partir e se tornar uma só dança.

Em seguida, foram realizadas análises com base nas temáticas e situações presentes nas sequências e a confluência dos seus significados com os elementos característicos do Jornalismo Literário, como forma de traçar um paralelo. Para ambos os formatos foram utilizadas as falas do roteiro integral de Elena (Costa; Ziskind, 2013).

A BUSCA POR ELENA

O ímpeto de criar de Elena esteve presente desde que a garota era criança. Sua mãe, Li An, dizia que Elena já queria ser atriz desde os quatro anos de idade. Ao completar treze anos, recebeu de aniversário uma câmera Super 8mm, por onde iniciou o registro de inúmeras filmagens sobre o seu dia a dia. Com a separação de seus pais, esse ambiente criativo lentamente foi se descontruindo e o que antes era material e combustível para sua arte, agora se transformava em desalento. Ainda assim, seu sonho de ser atriz se tornava cada vez mais realidade. Com dezessete anos entra no grupo de teatro Boi Voador, onde realiza seus primeiros espetáculos.

No documentário, Petra relembra esse momento por meio das filmagens caseiras de Elena e a busca por ela nas ruas de Nova York. Essas imagens, difusas e intimistas, revelam com a técnica de tilt-shift ⁴ a subjetividade e a busca de Petra em experienciar os mesmos lugares e sentimentos que sua irmã. “Te procuro” (Costa; Ziskind, 2013, p. 12), como Petra diz em voice-over, enquanto caminha entre a multidão.

A montagem que sucede a sequência mostra cortes de espetáculos que Elena realizou com o Grupo Boi Voador, junto às batidas eletrônicas agitadas, evoca muito dessa avidez que Elena possuía com a sua arte. A Elena, de Petra, é alguém que é obstinada, perfeccionista e que enxerga a atuação como a sua essência e destino final. Assim como as amarras em seu vestido preto, Elena é uma prisioneira da sua própria busca, como se sua identidade estivesse atrelada à sua arte de maneira inescapável.

⁴ Efeito que cria um desfoque nas laterais da imagem, dando uma sensação onírica.

Então quando Elena conta à Petra que vai em busca de se tornar uma atriz de cinema, a Petra de sete anos não tem escolhas a não ser aceitar que sua irmã irá embora. Há aqui não apenas um resgate das imagens de Elena, mas a sua ressignificação ao entrelaçá-las com as memórias de Petra.

As características do Jornalismo Literário se fazem presentes na medida em que a diretora realiza toda uma construção narrativa acerca de Elena, mostrando registros sobre seus maneirismos, hábitos e personalidade (Wolfe, 2005). Não é também por acaso que Petra se coloca no epicentro de onde Elena viaja para desenvolver sua carreira no cinema. Assim como Elena, Petra também vai à Nova York para cursar Artes Cênicas na Universidade de Columbia; Petra também é tomada por dúvidas, medos e anseios; e Petra ainda é uma jovem tentando encontrar seu lugar no mundo.

Então a diretora conduz uma investigação a fim de entender quem realmente foi sua irmã. Ela dialoga com seus colegas, amigos e busca todos os lugares em que sua memória visitou por Nova York. A protagonista se coloca à frente e então permite, quase lentamente, se desprender das sombras e dos possíveis fantasmas que carregava consigo. Ao revisitar os passos da irmã, Petra não apenas busca Elena – mas busca a si mesma.

VALSA PARA LUA

Esta sequência mostrou como a cena do suicídio de Elena foi retratada por Petra. O plano se inicia com filmagens da fachada do apartamento em que Petra e Li An residiam com Elena, em uma reminiscência intensificada pelas imagens em handycam, que apresentam planos escuros e difusos, denotando a presença e subjetividade da diretora.

Além de se questionar sobre o que sua irmã teria conversado com a última pessoa que a contatou, seu amigo Michael, Petra se dispõe não apenas emocionalmente, mas também fisicamente dentro desse espaço. Cena a cena, o interior do apartamento vai sendo reconstruído. Mostram-se as escadas, os móveis, o escritório e a máquina de escrever onde Elena redigiu a carta lida no filme. Li An logo aparece, rememorando seus passos pela sala e, ao contar à Petra, chega a performar no sofá a maneira como encontrou a filha. O que Petra traz aqui revela-se um exercício de imersão na dor, nas dúvidas e nos sentimentos, na tentativa de processar a perda.

Relacionando os elementos do Jornalismo Literário, observa-se que a ambientação do apartamento, mostrada em planos escuros e difusos, não apenas remete à

última vez que Elena foi vista, mas também reforça a presença de Petra no espaço, explorando sua dor e tentativa de compreensão dos eventos. Além disso, a alternância entre imagens do presente e memórias reforça a fragmentação temporal e a construção não linear da narrativa.

O relato de Michael sobre sua última conversa com Elena e a reconstituição feita por Li An ao descrever como encontrou a filha assemelham-se à técnica de reconstrução de diálogos (Wolfe, 2005), trazendo momentos que não foram diretamente presenciados pela diretora. Essas conversas não apenas documentam os eventos, mas também os ressignificam, transformando a lembrança em um exercício de elaboração do luto.

Por fim, a cena seguinte ao suicídio revela um resgate de imagens de Elena brincando com uma luz em movimento. “Eu tô dançando com a lua” (Costa; Ziskind, 2013, p. 25), ela diz. Em outra filmagem, Petra então remonta Elena dançando, sozinha, de forma semelhante ao espetáculo que sua irmã havia apresentado. Esse momento reforça, de maneira poética, a forma como Petra passou a enxergar Elena: agora, não apenas pela dor de sua perda, mas resgatando todas as nuances de uma alma multifacetada.

A ÚLTIMA DANÇA

A última sequência do filme se inicia com o reflexo de Petra nos vidros de um metrô, colocando-se, mais uma vez, em cena. As imagens são difusas, escuras e demonstram o estado confuso que Petra em relação à morte sua irmã. Como continuar a viver quando a vida que se possui foi totalmente rodeada e afetada por alguém que não está mais com ela?

O tempo vai passando e, aos poucos, Petra chega à idade em que sua irmã partiu. Mostra-se um vestido e os diários que Elena tanto havia esboçado pensamentos. A leitura, o reencontro e ímpeto de se aprofundar em todo o seu ser têm como última finalidade deixar Elena descansar, para que Petra pudesse buscar a si mesma.

As cenas que se sucedem iniciam uma longa representação da água na narrativa, simbolizando transição, dissolução e renascimento. A concha é a representação de um vínculo de conforto que Petra ainda possui com a irmã. Em paralelo com as cenas de Elena no palco, agora Petra é quem se encontra no estrelato. O corte revela a diretora emergindo das águas, em um renascimento da sua nova pele. Petra, antes Petra e Elena

Andrade, agora se transforma em Petra Costa. Assim, a atriz encena a própria morte e revive o passado para tentar encontrar sentido no presente. É essa morte simbólica que a permite, então, viver.

A transição das cenas da banheira revela a passagem de Petra e Li An, com vestidos, junto a tantas outras mulheres que aparecem em cena, as Ofélias⁵. Esse arquétipo feminino representa muitas das dificuldades emocionais das transições entre a adolescência e a juventude, intensificando a identificação de Petra tanto com os escritos de Elena, quanto com a figura de Ofélia.

Na cena final, Petra aparece caminhando pelas ruas de Nova York por uma última vez. Em passos lentos, arrisca passos de dança sobre a rua. *Valsa para Lua*, de Victor Araújo, inicia a tocar. Em um paralelo com Elena, cenas de Petra dançando nas ruas mesclam-se às de Elena adolescente e adulta, girando e dançando. Aqui, há um último resgate da lembrança de sua irmã. Trata-se de uma imitação como tributo e não de uma simples cópia.

Nesta sequência, é possível identificar as características do Jornalismo Literário à medida em que Petra lentamente cria uma atmosfera narrativa poética, evocando os elementos da cena e presentificando a ação. Ao construir uma sequência de menções à procura de Elena, as dúvidas que traz acerca do seu papel no filme denotam uma forte presença de um fluxo de consciência que, junto à sua mãe, exprime a dor da ausência e do atordoamento por Elena.

A metáfora água é essencial para que Petra possa estabelecer um paralelo com seu recomeço. Usada não apenas para evocar uma memória de infância da diretora, como para simbolizar seu renascimento enquanto mulher. É o destino final de todas as dores, que percorrem o corpo de Petra e o de Li An. A relação com Ofélia, em um intertexto literário direto com a peça Hamlet, também reforça a aproximação com a linguagem empregada em textos do Jornalismo Literário.

Assim, conclui-se que o filme apresenta relações diretas com as características e elementos encontrados no Jornalismo Literário, a fim de demonstrar como o cinema documental e o gênero jornalístico se entrelaçam e permitem diálogos construtivos.

⁵ Ofélia é uma das personagens principais da peça teatral Hamlet, de William Shakespeare. Apesar de ser retratada enquanto alguém inocente e apaixonada pelo príncipe, a ignorância e loucura de Hamlet levam-na a um intenso sofrimento sucedido por um suicídio por afogamento.

REFERÊNCIAS

COSTA, P; ZISKIND, C. (2013). Elena. **Roteiro**, Busca Vida Filmes.

DA-RIN, S. **Espelho Partido**: tradição e transformação do documentário cinematográfico. S.L: Beco do Azogue, 2004.

ELENA: o livro do filme de Petra Costa. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

MARTINEZ, M. Jornalismo literário, cinema e documentário: apontamentos para um diálogo entre as áreas. **Comunicação Midiática**, v. 7, n. 2, p. 98-116, 2012.

MARTINEZ, M. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Comunicação Midiática**, v.9, n.1, p.56-77, 2014.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes – Conceitos e Metodologia(s). **VI Congresso Sopcom**, 2009.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FILMOGRAFIA

ELENA. Direção: Petra Costa. Produção: Julia Bock, Daniela Santos. Roteiro: Petra Costa, Carolina Ziskind. São Paulo: Busca Vida Filmes, 2012. 1 DVD (82 min), son., color.